

COPACABANA

CITY BLUES

PAULO-ROBERTO ANDEL

**VILA
REJO**



COPACABANA

CITY BLUES

PAULO-ROBERTO ANDEL

**VILA
REJO**



Copyright © Paulo-Roberto Andel, 2018

Todos os direitos reservados

Coordenação editorial

Paulo-Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Capa, projeto gráfico e revisão

Paulo-Roberto Andel

Vilarejo Metaeditora

www.vilarejometaeditora.com.br

Andel, Paulo-Roberto, 1968

Copacabana City Blues

Vilarejo Metaeditora, 2018

ISBN 978-85-91 9299-6-2

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização

1ª Edição

2018

SUMÁRIO

Gordon	07
O grande irmão de Copacabana	09
Copacabana Over The Rainbow	11
Dorme a capital do mundo	15
Copacabana Gotham City	17
Copacabana City Blues	19
Luz do Leme	27
Copacabana gris	29
Agosto Copa	35
GEL	37
1346	39
Copacabana City Blues II	43
Sex Copa Show	47
Copacabana Amêndoa	53
Heavy Girl	55

Saturday Night Live Copa	57
Chão de grãos	59
Noites do Lido	61
Dois escritores	63
Meu tipo de bairro	69
Gatas extraordinárias	71
Dissecando Copacabana	83
Copa Big Brother	89
O carro do amor que não ousa...	99

GORDON

havia um grande canguru de acrílico
na porta da lanchonete
que ficava aberta até às seis
da manhã
night and day
com seus jovens indomáveis
bebendo milk shakes
comendo sanduíches com molhos
alucinantes
e jogando cartas, muitas cartas à
mesa

[também apreciando histórias de realismo
fantástico
do consagrado disc jockey
Gustavo de Caux
que nada deviam ao melhor
da literatura de Pindorama]

um dos atendentes era um jovem negro
magro e feliz
chamado Misaque

sempre chamado pelo adolescente
Paulo Zappulla

os integrantes do clube
da esquina
de copacabana escutavam

a legião urbana
com franca admiração pela
poesia desconcertante de
Renato Russo

e
também gostavam da arte
de rua de Basquiat

os cigarros ficavam apagados
e guardados para uma incursão
ao atlântico sul
- a beira do mar imortal
areias e pedras
e celebrações de vida

O GRANDE IRMÃO DE COPACABANA

oh, meu querido e digno irmão
procuro tua mão estendida
teu abraço de tanto tempo
e não encontro meu caminho
- o mar parece tão longe daqui
nenhum domingo é coisa nossa!
o sangue frio das nossas esquinas
rima com marquises miseráveis
não temos a culpa pelo mundo!
o grande irmão em lágrimas
um desconcerto de saudade à tez
oh, meu amigo, meu irmão
a solidão é a dor deste mundo
nossa descrença lancinante
e ninguém percebe quando te procuro
nos caminhos de pedra portuguesa
há uma canção de sofrimento
ficamos distantes demais
e já não sei das belas da calçada
meu irmão, minha família de copacabana
viver é olhar para trás e rever
o curso do rio da vida
águas tortuosas e desmedidas
nenhum poema é nossa paz!
as dores do meu corpo cansam
as vontades já não têm sentido
eu sou o cavaleiro das trevas
a se esgueirar pelos sonhos mortos

de um bairro abandonado
ah, copacabana! bela e profana
desregrada canção singela
- ponha teus versos sob perigo
pisemos nos ombros dos gigantes!
vamos resgatar lições de amor!
meu amor tão vazio e triste
alguma esperança pode sangrar
ah, copacabana é um peito
um ventre livre em meio à tempestade:
admiremos os corajosos heróis meninos
que mergulham no atlântico sul
em dias de maremoto

COPACABANA OVER THE RAINBOW

e agora que o agora foi embora, onde
foram parar os seus amigos
para sempre?
pense naqueles bares inesquecíveis
as garotas tão românticas, os camaradas
a bater canecas feito socos de gol
onde foi parar aquele país de sonhos
lindos, segurança, felicidade

o da justiça para todos?
o chope acabou?
sevé não traz mais nenhuma bandeja
e nem a bela atriz karla muga sorri
discreta no fry chicken
da siqueira campos
adeus, ditadura!
adeus, ditadura!

onde ficou a maravilhosa copacabana
com suas putas, generais fascistas,
sonegadores escusos, malandros de
praia, maconheiros
marombeiros, gatinhas do grajaú - os
mendigos famosos! - atores loucos
na descida da escada do shopping center:

katia flávia! louraça belzebu!
demônios do crepúsculo de cubatão

- o dono era um maravilhoso ladrão

aquele futebol que não existe mais na
praia
cheio de torcedores banguelas
de camisas rasgadas, perucas de enfeite

meus companheiros de cartas são
decadentes ricos
e cospem Miami, cospem Miami mas
nunca vão entender
de João Candido nem Domenico De Masi

um idiota me olha torto porque ando com
meu velho
par de chinelos
e uma bermuda antiga
tão vesgo e cafona, cafona!

os pivetes agora matam
a sociedade é mais estúpida e vale
o que não está escrito

num respeitável hospital de porte
há um traficante de colarinho branco
em recuperação de saúde
- é MUITO respeitável

pessoas comem lixo nas calçadas
ou lambem o resto das manchetes
vomitadas

penduradas
na banca de jornais - veja mas não leia
aquela merda infame!

surdos mentais surdos mentais

repetindo mantras estúpidos
dos grandes valores nacionais
pois o grande irmão estende a mão
- e se for preciso, ele também pode matar
torturar
corromper

quantos corações doentes vão sobreviver
sem qualquer intervenção?

vamos remover o ódio e expurgar
nossas faixas de gaza
que fim levou a velha mesa
dos meus amigos?

meus pais dormem tranquilos em algum
lugar
aqui perto? será que sonham?
ou são apenas a certeza da carne morta
putrefata no cemitério de são joão
baptista?

mesmo que tudo pareça tão medíocre e
perdido

há de haver salvação
no amor que não se consagra
na tristeza que não passa
e a estranha certeza de que recomeçar
é o caminho

o brasil é outro
minha copacabana também
desaparecida feito a mendiga Lina
que lia francês e new york times
aos pés da vila da escola

lembranças são o grande réquiem
- viva a escassez do armistício:
ao chegar até aqui e me vir como um
louco
um idiota da ilusão
meus parabéns!

sozinho
você não está mais
no cu do mundo

a dorsal atlântica é a serpentina
de um carnaval

enterrem meu coração sofrido
nas areias da prado júnior
depois de um respeitável
bacanal

DORME A CAPITAL DO MUNDO

na primeira noite depois do dia dos mortos a capital dorme. as luzes piscam nos morros e parecem estrelas cadentes para abonados usuários de avião, prestes a aterrissar no aeroporto à beira d'água. debaixo de marquises caras, transeuntes sem rumo dormem. usam drogas mortais.

fazem sexo. sofrem. e dormem. na avenida atlântica as lindas e deliciosas putas buscam o dinheiro do aluguel - elas ainda não dormem. num leito de morte do hospital público distante, o paciente terminal dorme, ao contrário do berçário onde minúsculos bebês choram e nem imaginam a rudeza do caminho que virá sob as marquises de copacabana.

a capital já não tem o asfalto entupido por pneus e ruidosos automóveis. o metrô nem parece uma caixa de carne humana moída, amassada no ir e vir do fim do expediente. na rua bolívar, o mendigo dorme. na figueiredo magalhães, os meninos malandros magrelinhas de calçada espiam as jovens de seios fartos, bumbuns e coxas carnavalescas: ninguém dorme. na prado júnior, o caminhante é impisa, o lobo que nunca dorme. os trens da alma atravessam

as estradas de ferro de copacabana
e alguns de seus grandes moradores
se preparam para uma breve noite
de sonho. o vizinho da santa clara pensa
na jovem vizinha nua, ou na mulher
eternamente distante – e cobiça
penetrá-las com paixão intensa,
dionisiaca. crianças adormecem
pensando na manhã de escola. nem
é meia noite e a capital, acolhedora e
hostil, dá indícios de sono. o amor
também adormece. resta a crueza
chamada solidão, a mesma solidão vivida
por uma senhora sexagenária respeitável,
caminhando em frente ao edifício Richard
da barata ribeiro, de número 194 mas
conhecido mundialmente, aliás
interplanetariamente como 200. livre.

COPACABANA GOTHAM CITY

a noite a deitar em berço esplêndido
do horizonte
enquanto fazemos velhas promessas
sonhamos com o passado perdido
ou com novos tempos novos
e buscamos abrigo no coração
da grande cidade – o bairro
interminável

ah, mansidão que não aquece!
vastos outros corações em chamas!
os que sofrem e choram, falecem
há quem viva ao léu da devastação
humana
e pessoas de bem a se estraçalharem em
suores

num vagão lotado
garotos fumam a morte para se
esquecerem
da vida
garotos com suas caixas de engraxate
e jovens com belos sobrenomes
brindando champagne
a noite é puta Copacabana e seu cais
de mil
memórias

os netunos vão resgatar nossos amores
e nada ficará para sempre perdido
no fundo do mar
e nada será para sempre o perdido
no fundo do mar
ainda vamos inventar outra cidade
onde seus corações serão perdidos
de amor - uns sobre os outros

e

nenhuma dança será em vão
nenhum poema desperdiçado
mesmo que os arranha-céus sejam
a regra
nós ainda vamos escrever a história
de outra
cidade

com outras

palavras
e fazer de todas as ruas a travessa
angrense
e fazer de todos os caminhos
uma boca do lobo
uma porta da galeria alaska
em tempos libertários

COPACABANA CITY BLUES

1

dois anjos tortos
passeiam
em serena mendicância
por uma rua aprazível
de Copacabana -
sofrendo, riem! –
onde deixamos de ser
nós
mesmos?

2

os sexos florescem
há elegância e decadência
no olhar desejoso
da cobiçada puta
da empolgante travesti
e tanta gente mais
a fazer de cada corpo
um entreposto
de tesão
hell p: i need somebodies!

3

almas desertas/ e concretas/ navegam o
mar bravio/ das esquinas de Copacabana
– parecem abençoadas pelos santos –
sugerem demônios dionisiacos – e são
verdade: essências românticas, super-
humanas e mais não basta!

4

os jovens moderninhos/ e os nem tão
jovens assim/ praticam o burburinho/ na
esquina efervescente do Pavão Azul – um
bar predileto de Copacabana/ somos tão
modernos/ e antenados/ e nos
lambuzamos de atraso e tradição/ vão
longe os tempos em que o bar vivia às
moscas

5

sob a lua cheia
uma copa de árvore
abafa a fumaça
de um cachimbo
de crack

e Copacabana se
entorpece: esfaqueia
seus sonhos enquanto

as lágrimas descem feito
cachoeira
força da natureza
num
rosto fenecido
enrugado e não vil

6

pedir um hamburger e um
mate do Bolonha – tocar
o velho balcão de aço
espiar o letreiro de preços
e os outros fregueses
famintos – é tudo rever
Xuru e sua risadinha

7

Eliane não estampa
mais seu sorriso lindo e
indestrutível pelas ruas
espertas de Copacabana -
agora, quem lhe namora
é o luar do cais de Vitória

8

eu e meu amigo Bola/ solidários
companheiros/ justiceiros
de ninguém/ delicadamente bêbados/
quando subitamente levanto/ e acosso
Cássia Eller/ assustadíssima com a
impressão de que eu iria beijá-la
à força/ em frente à porta do banheiro
do Sindicato do Posto Seis – desafiar
obviedades é oxigênio cristalino!

9

Juliana mora longe
longe
da minha faixa de areia preferida
na praia de Copacabana

Juliana mora longe e sóbria
e não há de compreender
nenhum delírio exasperado
de poeta frente ao horizonte

carcereiro da alma
guardião da morte
artífice sem esperança

sonhando vê-la nua, delicada
no mar da tranquilidade
da madrugada de Copacabana
Juliana mora tão linda
feito a lua que nos
assola

10

Tati não chora nada
que não seja pecado
na base lunar que provoca
arrepios
pela areia fria à noite
em Copacabana:
pele de ametista
olhar de naja
e inestimável vocação
de ser tão
cobiçada – ela é Ipanema
mas não sabe que o pecado
mora ao lado

11

agora o sonho é longe
e tarde
então descarto planos -

a vida, límpida, é areia
a despencar na cânula
da ampulheta -
agora virei um noves-fora-nada
e estranhamente isso
me faz tão
bem

12

onde as ruas movimentadas são
artérias
e pulsam tão vivas:
sangue de asfalto, glóbulos de borracha
e aço
e corações batendo doidivas
na pedra fundamental
que concebeu o maior dos corações -
o segredo de Copacabana

13

o verão disse adeus e houve
um motivo: tudo tem seu
tempo, os ciclos, o crescer e
fenecer
a noite chegou sem atrapalhar
a magnética lua cheia

a lua de Juliana
a lua de Tati
e tantas outras estátuas
de carne
delicadas e nuas em pêlo

o verão disse adeus
e sou um garoto da praia
que ainda sonha à toa
com a próxima
jornada -
até breve, delicado
amor!

LUZ DO LEME

ela fala para os anjos/ ela sonha com a
praia deserta, e ri/ ela derrama sua voz
de açúcar em meus ouvidos/ desde uma
conversa de muitos verões atrás/ e nunca
mais nos encontramos/ numa praia
vermelha, numa ipanema ou num arraial
qualquer/ porque somos a prova carnal
da ambição de Copacabana/ e sua
deliciosa decadência elegante/ ela fala
para os anjos e eu só vejo jazz/ ela mora
depois do inalcançável, mais longe e
veloz/ e eu sigo minha trilha na calçada
esburacada/ esbarrando nos estranhos/
vendo o pôr-do-sol entre as frestas dos
edifícios/ são muitas senhoritas lindas/
com sorrisos de primaveris/ mas
nenhuma tem o veraneio dela/ eu, que já
dei mil voltas no mundo/ desabei no dia
solar/ e me refiz na madrugada/ vi mil
corpos, mil seios, mil genitálias à flor e
sedentas de calor/ mas nada tem a
calmaria dela/ nada faz de mim melhor
ouvinte/ pois ela fala para os anjos/ e eu
não estou no céu/ ela fala para os anjos/
e eu não sei dizer da paz/ ela é felicidade
eterna/ enquanto sou rápido, brusco,
efêmero/ ela fala para os anjos e esse é
meu inquieto desencontro/ longe da

tarde, longe da voz/ missão abortada pelo
revés/ ela tem o perfume dos anjos/
enquanto navego pelos subterfúgios da
cidade decadente/ ela tem o amor dos
anjos/ e eu não creio em demônio algum/
ela é a garota da praia/ a mulher
apaixonante/ o charme do bairro/ a luz
do leme/ os mais doces mistérios do cóis
da calada de copacabana.

COPACABANA GRIS

TENHO VOLTADO muitas e muitas vezes a Copacabana, como se jamais tivesse deixado de ser morador do bairro, acontecido há vinte anos. É o que fiz há pouco, antes de escrever isso.

Muitos a chamam de “Princesinha do Mar”, justa lembrança do compositor Braguinha. Outros a veem como o paraíso perdido da luxúria e do *underground*.

Para mim é tão-somente a velha Copacabana, com suas esquinas de galeras, garotas bonitas, Eliane com seu sorriso indestrutível na Siqueira Campos, grupo de escoteiros, futebol na praia, futebol no Corpo de Bombeiros, mendigos conhecidos, pivetes, putas, travestis, generais e tudo o que uma fauna urbana tenha de melhor. Lanches no Bolonha, noites no Gordon, decotes entusiasmados na Bolero, peep show na Miami, carteados na casa de Buja, campeonatos de botão no Luizinho, debates sem sentido no Sniff, amasso no Arpoador, filmes no Condor. Mesmo que muito disso já esteja

morto há muito tempo, vive em meu coração.

AGORA escrevo depois de ter caminhado por suas areias, visto sua deliciosa decadência que se mistura com vanguarda. Narcisa pode descer linda de seu prédio e subitamente dizer um palavrão, para risos do porteiro. Clóvis Bornay não está mais na esquina do Coruja Bar da Prado Júnior. Jane Di Castro persiste no prédio da Copacabana. Onde estará o Dr. César Bordallo, dentista da minha amada mãe? Onde estará a dra. Lilly Lages, agora tão longe do edificio Igrejinha? E quando eu e Bola tomamos um porre homérico e agarrei Cássia Eller? E quando Tatyana ficou enlouquecida porque fechou os olhos para um beijo e declinei por vingança em pleno banco da praia às duas da tarde perto da Sá Ferreira? Ou Xuru pegando onda com sua prancha de isopor para depois Orlando Fantoni e Paulo Amaral nos pagarem um picolé? Kátia, linda e gigantesca para o meu metro e meio desfilando na Figueiredo Magalhães? A jovem putinha loura que patolou Marco em frente ao Bruni Copacabana e saiu sorrindo como nunca? Eu, Fred e Ricardinho correndo feito grandes loucos

alucinados depois de termos derrubado o travessão do Juva – nós, não: o Rico é que se jogou no travessão.

Tenho voltado a Copacabana, PISADO em sua areia que hoje é um tanto diferente, faz um barulho diferente de antes, Patricia já não me sorri mais à rua, nunca mais andei de mãos dadas com Ana Klein e assustei-a encontrando meu amigo Mussum - que parecia recém-saído de um confronto entre traficantes e policiais quando, na verdade, era apenas de uma super-rodada de chopes.

Agora o céu é gris, um feriado enrustido, as ruas sem gente, a praia bela como sempre, com suas novas garotas a sorrir e encantar. Agora não sou mais um menino tão pobre, de modo que posso economizar meus trocados e beber um chope à beira-mar, olhando para a paz do Atlântico Sul e seu infinito que jamais descobrirei. Céu em gris, cinza de outono, crianças brincam na praça do Leme, idosos movimentam-se nas máquinas de exercícios, eu fito o tempo e lembro quando meu pai indicou, com pesar, que ali havia uma estátua de Castelo Branco – quando virei comunista, entendi então do que se tratava. Um dia cinza de

outono e alguém vai morrer no hospital São Lucas, casais vão se encontrar pela primeira vez na Fiorentina ou no Mondego – que tal algum bar menos conhecido? Dois velhinhos efeminados conversam animadamente numa banca da Ronald de Carvalho, Alvaro Doria elabora alguma pão-duragem em seu apartamento da rua Tonelero(s), onde estará Anna Paula? E Patricia Cardim? Agora Romano faz sua arte mágica longe das ruas de Copacabana. Meu mundo deserto e meu voo livre no Centro Comercial, na Musicale, nas ruas menos apinhadas, nas entranhas do bairro. Nunca mais brigaremos na casa de Ricardinho por causa de Atari, nunca mais veremos Conceição, a empregada, gostosíssima e o patrão dando em cima de forma completamente adolescente. Nunca mais ouviremos discos à máxima altura na casa de Fred, enquanto ele admirava os olhos de ágata de Claudia e pensávamos num lanche com pão francês fresco e pasta Allouette.

Em Copacabana nenhuma pessoa sabe mais meu passado, presente, quem sou e isso não tem a menor importância. Contudo, ao trafegar por suas ruas, eu sou uma gota de sangue em suas veias de

asfalto. Aqui, me sinto em casa como em nenhum outro lugar. Caso exista vida após a vida, gostaria de ser um Fantasma, um espírito-que-anda pelas ruas secretas, cafonas e maravilhosas de Copacabana. Procurar por Mr. Eter, Kung-Fu Gay, Ramiro, Lina e seus outros reis das ruas, mendigos admiráveis. Ver Eliane sorrindo na volta da escola. Jogo de bola na vila da rua Tenreiro Aranha. Hamburger do Sumol. Esfiha no Baalbeck da Galeria Menescal com o árabe original.

Copacabana gris com réstias de sol por entre as densas nuvens. Retrato em branco e preto e algum arco-íris por perto. Passado e presente de corpos colados, lábios que se roçam e algum amor perdido. Meio-dia, meia vida inteira.

Tudo parece tão perto que devo estar confortavelmente entorpecido.

AGOSTO COPA

o céu de copacabana brilhando
num domingo à noite de agosto
e um velho homem solitário
com seu olhar fixo e perdido
procurando pelas lindas estrelas
mortas, mortas, mortas:
peregrino das memórias e saudades
paladino da solidão interminável
ele procura os pais, os amigos
os vizinhos e colegas de escola
os camelôs e os mendigos
espia as constelações e o horizonte
até entender que nada restou
além do amor que respirou meu bairro
o amor que incendeia lembranças
lágrimas, fome e desesperanças
o amor feito esmola à calçada
enquanto amanhã será menos um dia
um dia de trabalho e compromisso
um dia de estrangeiro na terra
os corações solitários são irmãos
siameses em pensamento
e veem o dorso do leme em aconchego
o céu de copacabana nublado
espuma de sangue no mar
alguma coisa desacontece convicta
na minha vã ilusão espartana

copacabana é peito, ventre e afago
os mortos bailam cheios de desejos
felizes naquele horizonte atlântico
que ninguém enxergou precisamente

GEL

Dois camaradas parados na esquina
das ruas Figueiredo Magalhães
e Edmundo Lins
dois camaradas maneiros
suspeitos e sinistros
esperando o tempo passar
e conversando
sobre as brigas de rua
o jogo da praia
a gata da escola
as tardes da Help
enquanto um amigo tragava
um cigarro ilegal do oriente
cheio de fumaça moderna
até virem novos camaradas
guiados pelo chêro
trocando tapas feito apertos
de mão
cachimbos da pax e sorrisos
de amém

tivemos uma casa dos sonhos quando éramos jovens, é claro que era um apartamento porque as casas no bairro atualmente são como ets. o apartamento 1346 onde fred morava com sua mãe, dona magda, foi um dos pequenos laboratórios secretos que existem no bairro de copacabana. durante muitos anos, entre 1978 e 1991, eu e meus amigos fomos criados lá, por nós mesmos – a matriarca passava o dia trabalhando num hotel e o apartamento de bom tamanho para um quarto e sala ficava livre. tivemos grandes lições de (quase) sexo, drogas, rock and roll, carteados, esportes e miscelânea, enquanto tropeçávamos no começo de nossas vidas sentimentais. rimos e choramos muitas vezes. foi lá que eu escutei kraftwerk pela primeira vez na vida, apresentado ao coletivo alemão pelo disk jockey gustavo de caux. nosso amigo luiz magno era um jovem e monstruoso contrabaixista, além de muito divertido. todos nós éramos admiradoras da beleza da renatinha, por quem luiz era absolutamente apaixonado – até seu fim precoce e injusto demais. fred era louco por cláudia, que tem

inomináveis olhos de naja verde e nos ensinou muita coisa de heavy metal. havia uma menina também, cujo nome não lembro agora e que volta e meia aparecia na casa e me provocava ou brigava comigo por nada, até que num belo dia simplesmente me beijou sem dizer palavra alguma. às vezes não fazíamos absolutamente nada além de ficar conversando na sala o dia inteiro, com a televisão ligada sem a menor importância – porque ninguém prestava atenção mesmo – ao lado de uma linda bicicleta peugeot praticamente sem uso – e de um equipamento de som potente, onde ouvíamos os long plays de iron maiden, guns n’ roses, kiss, merciful fate, the police, level 42, pink floyd, genesis, yes e mais todas as cantoras homoafetivas dos anos 1980. éramos fãs de cissa, que namorava nosso amigo jorge e eu cismava que era a cara da madonna – e era mesmo – ainda somos. em muitas tardes, comprávamos pães franceses, pasta alhouette de ervas finas e coca-cola para o lanche. noutras, fazíamos uma pizza retangular. quando havia algum dinheiro das mesadas, íamos para a bella blu da siqueira campos, onde na sala vip sempre havia empresários de camisas berrantes e falando alto em italiano,

espanhol ou inglês – dizem que “bill músculos”, o supertraficante estadunidense, costumava passar por lá. fred adorava puteiros em geral, especialmente os do prédio onde funcionava o escritório do impagável colunista social ibrahim sued – que nos via no elevador, sorria e dizia “de leveee”. no 1346 também jogamos botão e xadrez. numa tarde de quarta-feira, eu e fred ficamos por lá vendo um filme dos trapalhões, enquanto brasinha e marcelo foram à praia; ao voltarem, eles contaram mil vantagens sobre quatro garotas que tinham conhecido, dizendo que éramos otários por não termos ido também – depois de muitas lorotas, eu e fred investigamos os relatores, até que eles mostraram o que era ser vanguarda de copacabana em 1986: ficaram encantados pelas quatro travestis nas imediações do othon palace da avenida atlântica e marcaram um encontro, que mudou suas vidas para todo o sempre.

COPACABANA CITY BLUES II

esta cidade cheia de esquinas
e meninas cheias de sonhos em vão
tal como a vida que todos rejeitamos
os libertários e os reacionários dividem
céu e areia

mar também

nas manhãs de domingo
e os meninos perdidos sem rumo em
trilhas de
crack
as senhorinhas infalíveis na igreja
enquanto outras sob o crivo do pastor
e lindas putas tristes veem novela numa
barraquinha
da praça do lido

juventude não vai mais voltar
perdemos não retornará
mas ainda há vida, seja em risos ou o
pranto da sensatez
nossas pequenas sacolas de compras
faz-se admirável decadência
orgias no inferninho, na barra pesada
em prédios respeitados
e endereços conhecidos -

as irmãs nordestinas da l'uomo foram
embora
os queridos bebuns do bar sniff deram
o fora
a mendiga lina não lê mais o new york
times em voz alta
na rua tenreiro aranha
que fim levou nossa vila da infância?
e a casa de buja, onde fica?

a turma da ladeira agora vê *pay per view*
os meninos do copaville moram longe,
longe
as senhoras de classe e seus waffles no
cirandinha
são histórias finadas

quem descobriu o segredo sagrado de
mister éter?

nenhuma aída curi?

uma jovem empregada doméstica deixou
seu filho, desesperada
sob os cuidados da rica médica no
igrejinha

e

somos tão moralistas
moralistas demais: votamos nas marchas
de deus e nos choques

de ordem
enquanto tudo voa solto feito a fumaça
libertadora da ganja
perto da trave do juventus às duas
da manhã
as travestis fazem a vida, vivem, morrem
trazem risos e fazem gozar
botam banca e dão porrada – ser for
preciso
botam o pau pra fora
enquanto generais de pijama ainda
resistem
e sobrevivem
comprando pão e leite na padaria
tradicional

os bares morrem e o baile funk faz a
trilha
da menina lourinha

que beija o peito nu
de
um traficante

a billboard morreu
a modern sound morreu

a suprema desapareceu

ninguém namora mais no rian ou no
cinema 2
e tudo isso é lenda diante de cinco
minutos de ar puro
num banco do bairro peixoto: o sol, as
crianças, a primavera
copacabana e um solo rascante
de blues

há solidão, fracasso e morte mas
punhados
inesquecíveis
de *la dolce vita* com alguns trocados
e o charme de um mundo secreto
sem par na terra:
a nossa deliciosa desordem tropical

sonhos, enfiado num quarto escuro da rua Bulhões de Carvalho, tinha mergulhado na ilusão de que fizera o merecido sexo ansiado com sua promessa erótica. Nos segundos seguintes do despertar súbito, olhava para as formas e objetos no escuro do quarto, a luz da televisão, o silêncio de rejeição e ainda via num cadafalso da memória entorpecida pelo cansaço aquela bela mulher em cenas de tesão e foda – e a fudia, fudia, mas em segundos o êxtase virou a má realidade. Era só uma excitação, um sonho, uma vontade. A bela mulher que lhe atiça os instintos mais profundos não estava a seu lado, nem abaixo, nem de quatro ou relaxada depois de uma chupada profunda, como se fosse a melhor garota de programa de Copacabana. Eram só a coberta esverdeada, o lençol laranja novo e aquilo que não se explica, nem precisa ser exercício de beleza ou perfeição: tesão. Ainda bêbado de sono, foi ao banheiro, viu-se no espelho, lamentou a solidão, pensou na desejada e, sem mais delongas, começou a se masturbar; pensou em seus seios pequenos de bicos saltados, seu corpo delicado, morder a nuca, beijar por dentro da calcinha. Não que fosse novidade, pelo contrário: já o

fizera centenas de vezes sempre buscando o mesmo alvo. No entanto, diante da madrugada, constituiu-se numa brincadeira diferente – no prazer solitário, viu-se apaixonado por uma personagem que insiste em não se realizar. De toda forma, gozou como sempre e ainda espera. São outros os amores, são outras as fudas, o verdadeiro amor irrompe à madrugada.

3

duas cabeças deitadas perto lado a lado
e os pensamentos que decolam em ventos
de sudoeste

que não é
você do lado de alguém

teu alguém

duas cabeças coladas no escuro do
cinema
você do
lado de alguém
que quer
alguém

duas cabeças coladas no escuro do
cinema
alguém pensa no beijo longe de
outro

alguém

penso em ser tua à beira mar
em frente ao palace, pecaminosa
queria ser a melhor puta da help!

e o melhor de ti se faria
dentro de mim

queria teus defeitos, tua
velhice

mas não sei se posso enfrentar
o mundo que me condena – aqui
apenas me entorpeço de penetra
penetra

penetra

COPACABANA AMÊNDOA

chutando amêndoa
numa calçada enquanto o mundo
passa
numa tarde no posto seis
e um casal acha graça
uma mendiga em desespero
desconfia
e o rapaz do interior devolve
um objeto perdido a uma gata

pessoas passam num recado
carros lutam em vão por suas vagas
no estacionamento da rua
e as grades brancas do Igrejinha
trazem vidas no compasso
das outras vidas - um arremedo

[enquanto quase ninguém lembrou
de Almir Pernambuquinho assassinado]

um carro à venda na pista, outro negócio
uma calçada e sua amêndoa - alguém
a chuta
redivivo - entre a paz e o caos
e os rococós
Copacabana tem marra e charme
seja à luz dos grandes postes
ou de velas acesas na encruzilhada

HEAVY GIRL

a garota heavy metal
com seu encantador par de olhos verdes
e sorriso de adolescência

vestida de preto e couro de cima a baixo
e um
capacete nas mãos

monta numa motocicleta envenenada
e dispara feito um raio
cortando o túnel da toneleros (com
qualquer grafia)

(ou voltando charmosamente pela
avenida atlântica)

e riscando o asfalto esperto
de Copacabana

a garota heavy metal
num solo de guitarra *new blood*
também escuta marillion
e lê poesias de amor
capazes de alimentar seu olhar
enfeitiçante
- aquele mesmo que nocauteou
um velho amigo há anos

ela mora numa batcaverna
e corta as noite do bairro
como se fosse a mulher gato – desejável
vilã
a roubar os corações *headbangers*
numa canção romântica

basta um batsinal e a a garota heavy
metal, musa branca em cores
pretas
montada em sua moto envenenada
corta as veias do asfalto quente
das ruas de Copacabana:
easy rider lover
born to be wild!

SATURDAY NIGHT LIVE COPA

sábado em copacabana para meu amor ao norte, ao longe, qualquer praça ou calçada de coração voraz entre campos de bola entre areias e mulheres de predicados carnavais *night and day you're the ones!* meu coração não demora e espia os espólios de uma cidade oculta com seus pobres e ricos, liberais machões, travestis, seus marginais magnatas, roça e favela, paraíbas as mulheres de carne esplêndida louvadas por poetas de botequim: ah, cervantes! ah, sat's! que fim levaram o chuva de prata ou o tal pé-sujo que não lembro o leiteiro? onde está a fachada do coruja bar? as putas mais lindas, românticas lado a lado com "mulher-para-casar" - e tudo será cedo quando esta noite cerrar o dia pois o tempo não perdoa: copacabana é sempre um sábado!

CHÃO DE GRÃOS

alguma coisa
a esmorecer meu coração
está escrita e pintada
nas estrelinhas solitárias

pontinhas de luz imaginária
quando vejo meu céu
de Copacabana

são tantos que dormem
e outros agora longe
mas minha promessa
mora nas estrelas
de Copacabana

um deserto de amor
no horizonte
meu chão de grãos
minhas flores mortas

e um silêncio

que só entende
quem ali nasceu
e navegou suas lindas
ruas sujas

NOITES DO LIDO

foi-se assim dengosa e livre
enquanto ouvia poemas de luar
era quem não se aquietava
em seu desalinho com o ordinário
ela namorava a dor da lua
e buscava o fascínio da vida
entre sofrimentos e risos vis
e navegava e navegava o só
os esnobes só viam-lhe beleza
os covardes exigiam-lhe âmbar
eis que seu resto era insana canção
a trazer lirismos de além-mar
ela chorava por meu pranto
e gozava com meu gozo
ela dançava e sorria, linda
era inverno de Leme a sangrar
até estancar qualquer rancor
de modo que hoje, tão longe
ainda há um rufar de tambores no peito
a certa lua cheia há de nos redimir
e seremos, seremos
o colapso de toda tristeza em vão
ela e meu pequeno grande poema
onde versos tristes desimportam:
cada uma de suas armadilhas
fez-se pomar estandarte de amor
- que rufem todos os tambores do lido!

DOIS ESCRITORES

Maria Thereza é escritora e mora num confortabilíssimo apartamento num dos últimos prédios do Leme. Aos trinta e cinco anos de idade, casou-se com um abonado empresário vinte anos mais velho. Tem uma vida de enorme conforto material, dois belos filhos, viagens frequentes para a Europa, jantares em bons restaurantes mais todos os mimos que a força da grana ergue pelo mundo afora. Por isso e outras coisas dedicou-se à literatura, da qual não depende para qualquer conforto de conta corrente.

A primeira sexta-feira de agosto, por volta de onze da noite e Maria Thereza aproveita a bela paisagem da praia de Copacabana em seu canto mais charmoso e discreto. O marido está recolhido: pode ter adormecido ou mesmo estar mergulhado em um livro qualquer onde se ensine táticas para ser rico, bem-sucedido e poderoso – parte da literatura a qual ela abomina, embora não admita publicamente. As crianças foram para uma festinha. Bebel, a empregada, está de folga. Uma noite bela e fria, que sugere amores, desejo, palavras doces, carinhos

provocantes, uma noite do Leme. Ao fundo, o horizonte em preto brilhante que oferece sonhos e até mesmo pequenos delírios de carne e espírito. Então vem o inesperado.

Metros à frente, perto de um quiosque, tomando o caminho dos pescadores, um senhor caminha de mãos dadas com uma jovem que poderia ser sua filha, exceto se os eventuais beijos ardentes não denunciasses o teor da relação – devem ser ao menos namorados. Maria Thereza espia, estranha, contrai a vista e, num súbito, não tem mais dúvidas: o senhor gordo, de camiseta preta e chinelos descompromissados, acompanhado da jovem mulher em mãos a caminho do Leme é um velho conhecido seu, não se veem há anos. Trata-se do também escritor João Ribeira, já publicado e com alguma aceitação no mercado. Ela, tão rica e bem-sucedida. Ele, com trajes humílimos de escritor falido que se tornam seu charme kitsch.

Um segundo e Maria Thereza faz da sua enorme varanda o mundo.

E pensa em amor. Em tesão. Prazer. Vontade. Vira a cabeça, fita a sala imponente do grande apartamento do Leme e percebe ali o imenso vazio que a sofisticada mobília, os quadros caros e a prataria imponente não conseguem preencher. O dinheiro não é capaz de afagar a solidão humana na primeira sexta-feira de um agosto qualquer. Volta seus olhares para o Leme. João está perto da barraquinha de cerveja, sentado com a garota em seu colo e parecendo dez ou quinze anos mais novo do que os quase cinquenta que possui. O casal se beija e ri, como se Otto ali cantasse: “O que ela gosta é de fumar e beijar seu noivo de tarde na praia”. O Leme é um silêncio de fim de noite, mas nada se compara ao verdadeiro féretro da alma que se agiganta no grande e confortável apartamento no fim do quase-bairro. “Não existe amor no RJ” é uma sentença improvável. A garota tem pouco mais de vinte anos, Maria Thereza percebe isso em seu belo par de óculos que agora ajuda a esconder de si mesma alguma lágrima de tristeza. Mas o que a abala com tanto conforto e realização, uma bela família, a saúde em dia e uma ótima conta corrente? Amor. Amor. Isso tudo

lhe parece um bom tema para uma crônica ou conto, quem sabe um poema.

Ela passa a observar o casal namorando no banco como se fosse uma obsessão de novela global. Quer saber o que acontecerá em diante, mesmo que pareça tão óbvio. O escritor e a garota não param de se roçar na praia quase vazia. Ao longe, mas nem tão longe, os olhos de águia da escritora são pedras fixas, mas atordoadas: tudo parece dizer que ela queria estar no lugar da garota – afinal, ainda é jovem, bela, faz sucesso em outros olhares, exceto os de um empresário bem-sucedido na primeira sexta-feira de agosto, mais interessado em ler, ver besteiras ou simplesmente dormir. Ou ainda um analgésico contra o tédio de um casamento que talvez não tenha tanto sentido assim.

A lágrima vira realidade. A jovem senhora, ainda com tanto pelo caminho em termos de felicidades efêmeras, perde uma linda sexta-feira fria. Mais uma.

O casal namora e parece estar em vias de providências para a volta ao lar, efêmero ou não. O mar do Leme sente

canções que roem feito mistério e Cacaso, numa outra estação, sorri.

Maria Thereza chora de vez. Velhos conhecidos que não se viam há anos, agora juntos num cenário tão improvável: ela foi namorada de João nos tempos de faculdade.

A primeira sexta-feira de agosto é um moinho.

MEU TIPO DE BAIRRO

meu bairro
fica onde o céu
e o inferno
beijam-se na boca
sem hora
para terminar

são ricos e pobres
mendigos e príncipes
gente a nascer
e outros que apenas
dizem adeus
mas ainda vivem

meu bairro
tem dramas e risos
túneis e mares
afora uma beleza
de estrelas no céu -
e como brilham

se as estrelas
já morreram
o que importa?
só agora é que vemos
o grande espetáculo
das luzes

meu bairro tem livros
flores, caprichos e luxúria
fantasia, religião
bichos-soltos, junkies
amigos e a impecável
maré de solidão

ela é meu norte
meu leme

e ainda me encanta:
quero teu amo
dá-me teu colo
Copacabana

GATAS EXTRAORDINÁRIAS

1

Mal coloquei os pés na areia do Leme, depois de estacionarmos o carro, meu amigo Leo faz um gracejo e duas gatas alucinantes sul-americanas DA PESADA - venezuelanas, chilenas, qualquer coisa - viraram para trás, sorriram, disseram algo ininteligível e não fizemos nada além de tomar o rumo do mar – agora eu sou um respeitável senhor e não posso ficar de namoricos pelas ruas – o Leo pode – o namoro é tudo. Então rimos, ficamos com o ego inflado por cerca de cinco segundos e tudo virou passado como deve ser.

A pedra do Leme, misteriosa, iluminada, provocante e escura. No térreo, casais namorando, gente olhando para o horizonte como se ali estivesse o fim do mundo, eu pensando em todas as coisas que não deveria ter dito ou escrito hoje e tantas vezes – claro que devia ter dito e escrito, seu idiota! - tudo tão inútil e lindo, seu idiota! – bobagens fascinantes que quase ninguém liga – o tempo jogado fora que jamais voltará – mas disse a verdade! – na verdade não

mudaria uma vírgula que fosse! – o amor que não é escrito morre em palavras ao vento -, Leo rindo como sempre e caminhamos. Sempre rindo e sempre cantando, “Tradição” e pensei em Vanessa, que mora por ali.

Houve uma hora em que vimos uma assustadora e gigante pegada de um possível ET em Copacabana. Acontece que o bairro já tem extraterrestres demais, de modo que uma celebridade interplanetária poderia sentir-se incomodada com a concorrência – e, claro, não colocaria seu pezão ali.

Mais um cem metros, duas gatas extraordinárias – lindas coxas - fazem exercício físico na areia para futevôlei ou beach soccer. Demos uma espiada na quadra seguinte, era vôlei mesmo, claro que Caldeira reprovava.

A praia do Leme era um silêncio de morte.

2

Grandes estruturas de ferro à frente, caminhamos bem perto da orla para que pudéssemos passar, Rimos ao cogitar que

algun casal taradão poderia transar ali tranquilamente pois não havia uma viv'alma além de nós e, mais além ainda, é algo bom para os casais: o desafio.

Acontece que a praia mudou. O pessoal já não transa à beira-mar como antigamente. Centenas de metros e nenhum nativo fumando maconha sequer. Ao longe, as luzes da orla e do Forte de Copacabana faziam sua própria Via Láctea – estrelas, estrelas, vizinhas do mar sereno e frio da noite. Todo mundo chama o antigo Meridién de Meridién mesmo, não vai mudar nunca.

Pensamos nos tempos em que éramos escoteiros – talvez sejamos escoteiros pelo resto da vida. Bivaque, jornada, céu aberto e mar sem fronteiras – fogo de conselho. Caminhar na areia é três vezes mais pesado do que em terra firme, tudo muito divertido. Começou a chover antes de chegarmos à bandeirinha de perigo no mar, típica para estrangeiros.

Metros adiante, garotas suculentas no Balcony procurando clientes para sexo, a velha Help resiste arduamente. Algumas delas sempre provocam uma

pergunta: “O que você está fazendo aqui?”
– claro que podiam estar em lugares melhores, onde suas curvas e tesões fossem melhor apreciados, mas a vida não é justa, nunca foi e, por isso, tudo é um grande negócio onde hipocritamente as pessoas fingem não ter sentimentos.

3

Lentamente, voltamos para o fim do Leme, os aparelhos são confortáveis e divertidos para ginástica, porque nem tudo funciona direito na cidade? Fizemos algumas séries, falamos de mulheres – há coisa melhor? -, das coisas que não entendemos nelas – há coisa pior? -, até futebol, qualquer bobagem. Garotos jogando uma pelada na quadra redonda da praça.

Dez, vinte, trinta minutos, Katia nos liga pra conhecermos seu novo solar – fica num oásis de Copacabana, perto da Chacrinha, coisa de sonho – em cinco minutos estamos aí! – Leo, siga aquele carro! Aumente o volume do Van Halen!

Entramos na rua errada, subimos a ladeira, a segurança da cancela foi muito gentil, contornamos e havia um

descidão. No meio, uma loura tipo Elizabeth Shue vinte anos mais nova me chama, pergunta algo, Leo parou o carro: - Vocês querem vaga, estou tirando o meu daqui? - Dois mil obrigados? – Claro, por favor. Linda de morrer, ficamos embasbacados com sua educação e presteza – definitivamente não era uma mulher qualquer – era longe da casa de Katia, mas é claro que aceitamos, seria uma descortesia não fazê-lo.

Depois de estacionar, o possível namorado, marido, irmão ou pai – não descobrimos – foi bastante simpático. A garota subiu, ele pegou o carro para sair, conversou conosco com fidalguia e nos sentimos bem. Nunca mais veremos aquela linda mulher – mas o que importa? Tudo na vida é efêmero.

Descemos a ladeira.

Que garota linda! Por um segundo, até ocupou meu pensamento.

4

A casa de Katia é nova, aconchegante e linda feito a anfitriã. O que podíamos fazer por lá? Rir. Não falamos de nada

que nos entristecesse ou quase, mesmo que eu estivesse muito triste – e isso não tem importância. Telefonei para minha gata de chocolate e dei-lhe um beijo de boa noite. Depois, conversamos sobre negócios na sala. Vai dar tudo certo. Um suco de uva delicioso. Ficamos uma hora na prosa, depois todos tinham que dormir.

Haja o que houver, Copacabana é eterna. Quatro da tarde, as calçadas da avenida-mãe apinhadas, ir e vir de gentes de todos os planetas. Dois garotos completamente entorpecidos pelo crack passam apressados e são estandartes de um Brasil assustador, real e tristemente crescido. Dois nordestinos falam tão alto que até abafam o ruído dos cem mil veículos deslizando no asfalto. É Posto Seis.

Paro e penso num lanche. Kicê, onde certa vez Mick Hucknall, o cantor do Simply Red, deu uma banana para a imprensa: saiu pelos fundos do Othon, parou na esquina e pediu um caldo verde. Todo mundo achou normal, menos os repórteres, sempre a imaginarem ser acima do que realmente são. Djalma

Ulrich, Miguel Lemos, Xavier da Silveira,
tudo é um mundo.

Um misto-quente inigualável. Pão tostado, queimadinho, queijo e presunto de primeira, mais uma laranja batida. E o atendente não tira os olhos da moça ao lado, nem tão grande coisa assim mas absolutamente pegável (entendo que as mulheres não aceitem bem esta sentença). Um é pouco, acaba logo, peço outro. Dois é razoável. O preço é caro, quinze reais, agora sou turista e pago satisfeito. Lá está a moça a sorver seu último gole de suco-de-qualquer-coisa, o atendente louco para dançar um forró com ela a dois, nus, felizes. E eu ainda perco meu tempo com paixões inúteis...

II

Almirante Gonçalves. Outro dia mesmo parei por ali. Dez anos, talvez. Meio praça, meio rua, meio caos. Delicadezas poético-autofágicas de Copacabana.

A cidade-bairro parece um tanto esvaziada, talvez pelo frio, talvez pela sexta-feira ou a falta do pagamento nas contas bancárias. No fundo, frio mesmo.

Mas é sempre bom revê-la. Depois de tantos anos, entendi que mudar ou não de Copacabana não faz diferença – o ideário local jamais sai de dentro de seus habitantes ou moradores ou vampiros urbanos. Copacabana não é bairro, mas pele!

Musicale da avenida Copacabana. Discos diversos. Alguns preços muito bons, outros muito ruins. Youssou N'Dour a três reais, captei no ato. Outro foi caro, mas eu já cobiçava há tempos: a versão dos Flaming Lips para “The dark side of the moon”. Férias. Meia-hora, uma hora inteira. Ainda gosto de música.

Ainda tentei pegar os últimos vestígios da Satisfaction, mas já tinha fechado às cinco da tarde.

III

Uma garota muito - mas muito! - gostosa e com uma instigante cara de puta raiz, melhor dizendo, garota de programa, desculpem a grosseria para espelhar realidade – eu não sou um escroque! -, está parada na entrada do condomínio Alaska. Não tenho como deixar de olhá-la

e incrivelmente ela me sorri, devido aos meus trajes de índio urbano. Ela pode ter pensado que eu poderia ser um cliente em potencial. Dane-se, gostei assim mesmo. Mas era tudo fantasia: segundos depois, um Corsa (para alegria dos meus amigos dos tempos de faculdade) para em frente, buzina e ela corre para ver o namorado. Ou marido. Ou cafetão.

Alguém me disse que os gordinhos estão na moda. Poderia ser assim. Quem sabe?

Não sei explicar ao certo porque faço mais sucesso com as mulheres hoje, com 122 quilos, do que nos tempos em que era um exímio jogador de futebol de praia e corredor, 76 quilos. Não falam tanto de *fitness* e corpos sarados e sei-lá-o-quê?

IV

Paro numa lan house, os garotos não param de falar em suas máquinas e isso chama atenção. Vão aos locais do ramo como se estes fossem os shopping centers do século XXI. E os pais não querem turba de crianças em casa – eles têm

mais o que não fazer, como por exemplo assistindo programas insípidos na tevê fechada, discutindo a relação, reclamando das contas a pagar ou traindo o companheiro-companheira-qualquer coisa com torpedos via celular.

Não gostei dos e-mails que li. Nem respondi.

Não gostei do que não vi. Faz falta.

Hora de jantar. Ok, computador.

V

O outro tesouro bom de Copacabana: restaurantes a quilo abertos de noite. Ideal para rapazes que têm namorada há anos, mas são profundamente solitários no começo da noite de sexta-feira - igual a tantos e tantos outros casais que, na verdade, são apenas duetos de solidão. Ou os que esperam amores impossíveis nesta primavera fria que não tem muito sentido, tipo o de um e-mail inútil. Mas é melhor do que ficar eternamente feito um panacão babando ao lado de quem dorme em muitas outras camas.

Outra garota morena alucinante de calça colante, do tipo que Caldeira faria piada. Coxas extraordinárias, superbunda. Namorado fortão à mesa, de camiseta nestes tempos gelados, mostrando todo o bom resultado dos anabolizantes. Ou marido. Ou cafetão. Copacabana é sempre um mural de grandes incógnitas.

Não coloco muita comida no prato. Por que será que todos estamos sempre comendo? Deve ser para aliviar a alma. Ou para pegar o primeiro táxi que venha pelo caminho, preferencialmente pagando o dobro do cobrado no taxímetro.

VI

Rua Ministro Viveiros de Castro, quase esquina com Prado Júnior. Posto Um.

“Art-Noveau da natureza, jazz!”.

Copacabana não me engana. Nem falha. É pele!

"A luz do grande prazer é irremediável neon".

O futuro é uma quase-noite de sexta-feira.

Dane-se a paixão. Fausto Fawcett sabe tudo. Djavan também.

DISSECANDO COPACABANA

1

Rafael vai ter um longo processo de recuperação que exigirá paciência. Prometi a mim mesmo que o veria vivo. Da última vez que estive no Copa D'or, houve um silêncio de morte quando Fred disse adeus. Havia uma chuvarada na saída da estação do metrô da Siqueira Campos, comprei um guarda-chuva de merda por inflacionados dez reais. Rafael quis ver o jogo, Michelle dormiu, deixei meu abraço. Em plena Figueiredo Magalhães, voltei à infância. *Singing in the rain.*

2

Edifício Caesarea. Penúltima casa de Fred, quase em frente ao Copa D'or.

3

Galeria Menescal, esfiha tradicional do Baalbeck. A iguaria continua a mesma. Não reconheço nenhum dos funcionários

e procuro em algum lugar um sinal de vida do senhor árabe que era o dono em 1980. Duas esfihas de carne, uma coca-cola.

4

A Saraiva tomou o lugar da Sloper na Raimundo Correia, onde morava o mendigo Baiano e faziam festa de aniversário para ele. Em vez da Barbosa Freitas, um abominável Bradesco. Tiraram o Art Copacabana e puseram o nada. Cine Copacabana, academia de ginástica moderninha. Pelo menos o Cirandinha continua intacto. Debaixo de uma das marquises, garotos moradores de rua planejam os próximos passos: o prato de comida, o crack, um pequeno assalto. As farmácias são visíveis, Copacabana precisa disso. Decido caminhar na contramão dos carros, quero ver discos. Constante Ramos, uma loura de parar o trânsito me lembra quando eu era apaixonado por Eliane – o que não significa vantagem alguma, porque o bairro todo também era.

5

Algum burburinho perto da Djalma Ulrich, não sei dizer o motivo. Antes, Bolívar, as inevitáveis lembranças do Bonino's e do Xuru.

6

Musicale. Foram meus concorrentes, a loja é boa, mas cara. Tem valor. Meddle, do Floyd, é a opção. Bau, o cavaquinista de Cesária Évora, também. Gosto de discos, desde os tempos da Billboard, que depois virou Modern Sound, que depois virou nada. Uma coletânea europeia de metal. Tudo faz sentido.

7

Atravesso a rua para talvez encontrar Epocler na delegacia. Espio, espio e sou vencido pela burrice: ele já não está ali, mudou de missão. Nova travessia, um sujeito com estampa de policial lancha um sanduíche vulgar no Bar Bico. Pensando bem, é um policial. Um garoto passa pela calçada completamente fora de órbita. Parece crack, lógico.

A terceira travessia. Um aprazível restaurante a quilo. Logo vejo uma morena linda e charmosa, acompanhada por um nórdico. As putas de Copacabana têm mais charme. Na fila do serviço, frango agridoce que experimento. A puta é linda, mas preciso jantar. Não conheço ninguém no restaurante e nem poderia ser diferente: agora sou um turista, um estrangeiro patético. Escolho uma mesa pequena para sentar sozinho. Mais à esquerda, ouço vozes anasaladas: “Eu faço gordinho, faço magrinho, alto, baixo, o que importa é homem”. Os timbres não enganam: três travestis afetadíssimos fazendo a social, jantando e planejando os próximos programas – ou amores, talvez. Moraes tinha que estar aqui para rir, ele gosta disso. Tenho que rir também do Astra Branco do Xuru e daquela velha história que nunca termina na rua Souza Lima – os dois garotos, as bicicletas, o flagrante. Isso tudo é muito, mas muito Copacabana.

9

Chove drasticamente, Marô está por perto e leva um tombo, mas não fico sabendo, só mais tarde pela internet. Copacabana é estranheza, é ser alheio sem ser indiferente. Uma pena. Não tem Fred, nem Xuru, nem Epocler. Nem Eliane. Nem Marco, Luiz Octávio, Jorge Pinto. Copacabana é minha solidão humana em preto e branco revestida em sêpia.

10

Edifício Igrejinha. Minha mãe morou ali no começo de seu sofrimento.

11

O velho 126 agora é meu 434. Gelado e vazio. A avenida Copacabana completamente molhada. Sempre terei pena dos moradores de rua que não merecem isso. Ninguém morreu: a cada prédio, a cada passado, a cada espiada, Copacabana me move. Daqui a pouco eu volto.

COPA BIG BROTHER

o céu de copacabana brilhando num domingo à noite de agosto, quando todos parecem ter náuseas da segunda-feira que se avizinha

e um velho homem solitário com seu olhar fixo e perdido procurando pelas lindas estrelas mortas, mortas, mortas:

peregrino das memórias e saudades, paladino da rascante solidão interminável, ele procura os pais, os amigos, os vizinhos e colegas de escola

os velhos camelôs e os novos mendigos, as deliciosas putas, os travestis insinuantes, a delicada decadência dos prédios modernos, o cheiro inconfundível de maresia

espia as constelações e o horizonte, as novas construções, o ir e vir dos jovens, a droga nas esquinas, os ricos e pobres na babilônia em forma de bairro

até entender que quase nada restou além
do amor – o verdadeiro amor que
incendeia lembranças, deságua em
lágrimas, fome e desesperanças

o amor feito uma pequena esmola, um
exercício de caridade enquanto amanhã
será menos um dia e os homens
respeitáveis irão para a cidade com seus
ternos

um dia a menos de trabalho e
compromisso, um dia de estrangeiro na
terra e tudo passa enquanto alguma
criança brinca com areia, baldinho e pá,
sorridente

e bem cuidada aos olhos de uma
dedicada babá ou mãe ou qualquer
parente, no devido horário de sol que não
cause problemas de saúde ou outras
mazelas

os corações solitários de copacabana são
irmãos siameses em pensamento e veem
o dorso do leme em aconchego de berço
esplêndido

o céu deste lindo bairro nublado é a
espuma de sangue no mar que remete a
uma canção dos tempos proibidos,
quando tudo era triste e demoníaco

oh, grande irmão de Copacabana:
procuro tua mão estendida, teu abraço de
tanto tempo e não encontro meu caminho
- o mar agora parece tão longe daqui

nenhum domingo é coisa tão nossa!
nenhuma sexta-feira é tão feliz como
poderíamos ter imaginado, antes de
termos vistos o sangue frio das nossas
esquinas

e a infelicidade de uma rima com as
luxuosas marquises miseráveis,
abarrota de uma escravidão jamais
extinta, a gente sofrida jamais liberta -
temos a culpa!

o grande irmão em lágrimas, um
desconcerto de saudade à tez, um abraço
que nunca mais aconteceu e parece
condenado a jamais suceder

oh, meu amigo, meu irmão, a solidão é a dor deste mundo - nossa descrença lancinante a ferir as vísceras de nossas almas, mas nem tudo ainda está perdido

nós temos as esfihas da galeria Menescal, as pizzas do caravelle e os waffles do cirandinha enquanto velhinhas sentam à mesa e sonham com os grandes bailes

ainda temos o olympico club, os retratos vivos da prado júnior, a charutaria lolló - a sorveteria bolonha, a flora santa clara, a travessa angrense

mas acontece que ninguém percebe quando te procuro e choro, choro muito pelos caminhos de pedras portuguesas que consagraram esta terra de amor e novidades

ninguém percebe o meu sofrimento porque não estás aqui num abraço, grande irmão de Copacabana, pequeno grande herói das veias abertas de asfalto e pés descalços

ninguém sabe mais do nosso mendigo baiano sentado num sofá da rua raimundo correia, regado a festas de aniversário e o cheiro inconfundível de frango assado

há quem saiba dizer de quem chorava no restaurante mill's da galeria ritz numa noite chuvosa e inconsciente do outono de 1979?

ou a refrigeração do cine metro copacabana, tão forte que era capaz de atravessar a rua e gelar os casais de mãos dadas admirando as vitrines da loja sloper?

meu querido e amado irmão de copacabana, enquanto você é ausência eu penso nas crianças brincando na grande baleia de acrílico do parque peter pan

e nas pipas em formas de pássaros que eram vendidas na praia, enquanto um garotinho branco fugia de sua mãe e era imediatamente salvo por um frequentador

as novas meninas que desfilam com seus corpos monumentais pela ruas de copacabana já não sabem dizer de aída cury e do crime do albervania

e nem do assassinato do jovem homossexual a facadas num apartamento do edificio oásis, bem no começo dos anos 1970

há uma canção de sofrimento, meu irmão, um hino de dor e misericórdia porque eu não te vejo mais – nós ficamos distantes demais e isso é injusto

por isso, num súbito, tento pensar em coisas boas como a paisagem da janela da escola, de onde se via a profundidade da avenida atlântica

e parecia que ali vivíamos sessenta anos antes, quando o mundo ainda não sabia direito sobre o paraíso chamado Copacabana

de pequenas casas cercando o grande hotel, numa cena que parecia surrealista mas era apenas o cúmulo da vanguarda

meu irmão, meu querido irmão, minha família de Copacabana que já não existe exceto em minhas lágrimas e meu peito encharcado de saudade

vivamos então sem olharmos tanto para trás, o curso do rio da vida, cheio de águas tortuosas e desmedidas, o rio interminável a desvelar romances e decepções

nenhum poema é nossa paz! não, não: nenhum poema será capaz de traduzir o que foi nossa paz! os versos não podem representar nossos melhores dias

as dores do meu corpo cansam, as vontades já não têm sentido, em plena manhã de domingo no coração de Copacabana eu sou o cavaleiro das trevas

a se esgueirar pelos sonhos mortos de um bairro abandonado com tanta vida em riste - ah, copacabana! miseravelmente bela e profana, desregrada canção singela!

pisemos de vez nos ombros dos gigantes! vamos resgatar lições de amor! vamos celebrar o que resta das nossas melhores lembranças e até mesmo os fracassos

tudo o que não soubemos reparar, consertar e desdizer – todas as palavras de amizade e amor que deixamos de falar por vergonha ou insegurança porque éramos tímidos

tudo o que faça do meu amor tão vazio e triste alguma esperança capaz de sangrar em cores generosas, alimentando os melhores sentimentos que carrego comigo

ponha teus versos sob perigo, minha copacabana! aproveite que este é o tempo e alguma coisa desacontece na minha vã ilusão espartana

ao meu grande irmão, um abraço do tamanho da minha saudade, das lembranças da infância, do tempo que achávamos ser donos da felicidade e do futuro

nas portarias, os velhos homens do norte prestam atenção aos seus inseparáveis rádios de pilha, desimportando se o mundo moderno é dos pequenos computadores

uma linda garota cola seus anúncios de oferta de sexo dentro de um orelhão nas imediações da rua duvívier – o aparelho telefônico ainda funciona muito bem!

um velhinho olhando para o horizonte na praça serzedelo correia, talvez procurando seus últimos momentos divertidos e pensando nos bondes, nos cassinos

na verdade, copacabana é peito, ventre e afago enquanto os mortos bailam, por demais felizes naquele horizonte que quase ninguém enxergou – mesmo vivendo tudo

O CARRO DO AMOR QUE NÃO OUSA DIZER SEU NOME

dois jovens alegres percorrem a orla de copacabana em seu carango à procura de emoções diferentes/ o motorista é louro e dão uma risadinha a cada parada no sinal/ o carona moreno mantém um porte altivo enquanto aprecia as bonecas de marca/ e depois saem em arrancada/ para então uma freada/ Copacabana é um peito aberto/ a cafetina de mil putarias/ beijada pelos deuses de todos os sexos/ a aventura está garantida porque a polícia garante/ eles dão voltas e voltas/ à procura da companhia perfeita/ ela, ser especial que desafia definições/ passam pela figueiredo e santa clara/ constante e Xavier/ espionam todas as criaturas vivas da grande calçada/ até pararem na esquina de Souza lima/ berço de guerra/ quartel general/ ali quem manda é a autoridade policial/ a garota atende ao aceno e rapidamente se senta no banco de trás/ o carona faz o amigo de chofer/ por causa da mulher diferente, a predileta/ que lhe faz par danadinho/ e nem são onze da noite/ os garotos de Copacabana querem ver a cobra fumar

SOBRE O AUTOR

Paulo-Roberto Andel escreveu os livros “Cenas do Centro do Rio” (I e II), “A essência do FDP contemporâneo brasileiro” e “Pequenos relatos da opressão urbana”. Além disso, é autor/coautor de 13 livros sobre o time do Fluminense e de “2014: O espírito da Copa”.

Publica regularmente no blog *otraspalabras!*, sobre literatura e poesia, além de ser editor do blog *Panorama Tricolor*, uma das referências de literatura de futebol do clube e do Brasil, cuja produção coletiva já ultrapassou o total de 10.000 páginas e 8.000.000 de visitas.



Esta obra foi produzida entre os dias 28 de fevereiro e 07 de março de 2018, com fonte Bookman Old Style. A versão eletrônica teve sua primeira edição distribuída gratuitamente, visando chegar aos tricolores que, por diversos motivos, possuem dificuldades de aquisição.

**DEUSA DE TODOS OS
SEXOS E PECADOS/
LANCINANTE VERSO DAS
NOITES QUE ENCANTAM E
SUGEREM PULA FICTION/
BARDONESA DELICADA/
MENINA MUNDANA FELIZ/
COPACABANA FAZ O
MUNDO GIRAR A CORES**

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-919299-6-2



9 788591 929962